



Da alienação à organização do mundo mosaico: como a educomunicação pode ser fundamental no processo de letramento do indivíduo¹

Jimi Aislan Estrázulas²

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Este artigo trata da problemática da alienação diante do mundo múltiplo de informações. Desmistifica a alienação do ponto de vista de transferência de propriedade, seja de ação ou pensamento, e centra este fato sobre o analfabetismo midiático e, num processo maior, no iletramento midiático. Analisa, a partir de uma abordagem sistêmica da ação do indivíduo e do funcionamento dos meios de comunicação, como a falta de um projeto de educação para as mídias pode ser o fator alienador e antidemocrático. Com base numa revisão bibliográfica de educadores e comunicadores, propõe-se a educomunicação como disciplina permanente e estruturada dentro do complexo escolar. Solidificando, a longo prazo, estruturas internas no indivíduo, capaz de levá-lo ao uso de leituras e escritas das mídias para ações críticas na prática do dia a dia.

Palavras-chave:

Educomunicação; Paulo Freire; Alienação; Letramento Midiático.

Corpo do trabalho

Nas últimas décadas, houve um aumento no volume de informações disponíveis para a população. Os meios de comunicação iniciaram esse aumento através dos novos processos tecnológicos, como melhoria de parques gráficos, digitalização de equipamentos de rádio e televisão e, principalmente, pela criação da rede mundial de computadores, a Internet.

A digitalização das informações, e todo o processo de desterritorialização dos acessos e usos, proporcionou aos indivíduos a possibilidade de escolha e quanto mais se tem acessos, maior cresce a incerteza sobre qual informação consumir, pois a Internet é abastecida de informações ininterruptamente.

Esse fenômeno também é visto nos canais de televisão. Com o surgimento das televisões à cabo, houve segmentação das programações, multiplicando o número de canais disponíveis e personalizando o ato de assistir televisão. Assim como os jornais e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação pela UFAM, jimiaislan@hotmail.com



revistas também aumentaram suas possibilidades de produção e distribuição. De toda forma, o elemento em questão é a informação e o efeito que seu aumento está proporcionando na sociedade.

Como Gitlin (2003, p13) fala, “a verdade óbvia, mas difícil de perceber é que, hoje, conviver com as mídias é uma das principais coisas que os americanos e tantos outros seres humanos fazem”. E é diante desse quadro que o indivíduo está. Muitas vezes com uma postura passiva, outras vezes indiferente, mas na essência absorto na seletividade desse mundo mosaico.

Para auxiliar na compreensão desse quadro, é oportuno entender o homem como um sistema de várias variáveis. Essa abordagem sistêmica ajuda a perceber que as ações sociais do indivíduo tem variáveis que são inerentes a ele, as idiosincrasias, e outras que lhe foram passadas, como marcas de sua sociedade através de valores sociais e morais, elementos que chamamos cultura.

Dois fatores integram a percepção social dentro da teoria dos sistemas: a ação com base no indivíduo e a historicidade social. Esses fatores vão se entrelaçar para influenciar no processo de formação desse sistema.

Segundo Luhmann (2009, p.42), “a descoberta essencial foi a de que a construção de estruturas sociais se realiza sob a forma de sistema, e a operação basal sobre a qual esse sistema se constrói é a ação”. Assim, na base da análise está a preocupação com a ação individual.

Essa ação é imprescindível para a sociedade, mas como falar em primazia do ato se a sociedade já possui arestas e bordas sociais que limitam e tolem o indivíduo? É preciso entender que há essas limitações e direcionamento de ações.

Para a compreensão dessa ação, Luhmann (2009) vai buscar em Parsons (1971) os componentes para arquitetar o funcionamento da ação social, sendo que o modelo explicativo é feito por quatro constituintes: dois verticais e dois horizontais.

Os componentes horizontais são o Instrumental e o Consumatório. O primeiro é o meio necessário para consumir uma ação. O segundo é a satisfação por ter praticado a ação, o resultado evolutivo do ato.

Nos componentes verticais, estão o Interno e o Externo. Quando a ação ocorre dentro das próprias estruturas, diz-se que o componente é interno ao sistema; quando é realizado para fora se chama Externo. A variação de combinações entre esses quatro elementos trazem explicações às ações sociais.



Combinando os elementos, verifica-se que o instrumental orientado para o meio externo é uma prática de adaptação, que se referem à conduta orgânica para alcançar um estado onde as necessidades estejam satisfeitas. Numa visão mais ampla de sistema, essa conduta nos remete à economia que tem essa função adaptativa.

Quando trabalhado internamente tem a função de manutenção das estruturas latentes e pode ser visualizado através da cultura. Segundo Luhmann (2009, p.46) “Parsons descobre que a combinação instrumental/interno tem a função de estabilizar permanentemente as estruturas, e assim garantir sua disponibilidade, mesmo no caso de não serem utilizadas”. Mais tarde, essa relação foi nomeada como Instituições Culturais, pois é delas que descendem as possibilidades de uso para a ação ocorrer.

As relações consumatórias, quando trabalhado com o externo, moldam-se para a obtenção de fins, devendo de fato satisfazer as necessidades. Para Luhmann (2009), a partir daí se identifica os Sistemas Psíquicos, pois a personalidade se reveste da vontade de buscar os fins.

Quando as relações consumatórias são associadas ao componente interno, faz parte da integração e remonta ao sistema social como um todo. Desta forma, Luhmann (2009, p.50) destaca que “é este (sistema social) que assegura ou garante os processos de integração, compreendido como o alcance de uma ordem interna dirigida à satisfação (consumatórias) das necessidades no presente”.

Com um conceito que descende da termodinâmica, Parsons (1971) vai fazer seu modelo girar balizado pelo menor gasto de energia.

Luhmann explica que:

Em termos teóricos, significa que a cultura conduz o sistema de forma cibernética, com um mínimo de energia para influir nas pessoas e organismos, mediante a informação, transformando, assim, o máximo de energia que corre de baixo para cima. (LUHMANN, 2009, p.55).

A direção dada pelo autor indica que o menor esforço é realizado com ações balizadas das relações internas para as externas, de forma que a cultura força a adaptação, assim como o sistema social direciona a personalidade.

Assim, tem-se que as Instituições culturais, desde a aquisição dos códigos de linguagem até os valores morais e éticos, são responsáveis por modificar os comportamentos. Num primeiro instante perene e, com o tempo, de forma permanente se fortalecendo como parte da estrutura interna do indivíduo.



Dentre as instituições culturais existentes na sociedade, uma possui a certificação para que essa transmissão cultural seja passada: a escola. Ela é a ponte entre a cultura e o indivíduo, municiando-o de estruturas para convivência.

Como afirma Jacquinet (1998, p.01), “A escola tem sido sempre uma instituição ao mesmo tempo educativa, social e política. Essa tríplice dimensão subsiste, mas cada uma delas já sofreu visível modificação”. Seja na forma de ler e escrever, diferente para os vários tipos de cultura, seja na forma de criar o raciocínio lógico, a escola molda parte da estrutura individual.

O trabalho escolar é realizado tendo como operação basal o esquema ensino-aprendizagem. As ações de multiplicação do capital intelectual são balizadas por metodologia própria, primeiro de repartição do conhecimento e depois na administração dessas pequenas partes ao longo do processo de crescimento intelectual do indivíduo.

Isso, com teorias de aprendizagem balizadas pelas fases de desenvolvimento do indivíduo. Dentro das várias teorias de aprendizagem, desde o construtivismo histórico de Vygotsky à epistemologia genética de Piaget, uma marca se fundamenta quando falamos nesse processo: a aprendizagem como mudança de comportamento.

A escola, a partir de um olhar macro do processo de culturalização e entendendo as três esferas que Jacquinet fala, fornece aos indivíduos as bases estruturais internas para adaptações e criações. Como esse processo é fundamental para a sociedade, esse papel foi delegado aos governos como política pública.

Dentro da estrutura estatal, é a escola que tem o papel de apontar o caminho para a democracia e participação social. Como afirma Soares,

a escola delimita os conteúdos culturais a serem transmitidos, realizando recortes que selecionam determinados componentes culturais, excluindo, correlativamente, outros; a escola fixa a duração do tempo em que deve ocorrer a apropriação de cada um desses conteúdos selecionados; a escola avalia o nível de realização dessa apropriação em momentos preestabelecidos, intraescolares e extraescolares. (SOARES, 2010a, p. 90)

Assim, essa instituição seria o instrumento de *modus vivendi* necessário à integração social, possibilitando ao indivíduo, através das construções possíveis, que ele seja um agente criador de realidade e transformador social.

Aqui se diz “seria”, porque há uma lacuna dentro desse processo todo sobre o agente. O indivíduo opera, pensa e age, dentro do sistema social. A realidade, fugindo à preceitos de epistemologia filosófica e observando-a como fenômenos na esfera pública de



convivência, fornece fundamentos para esse pensamento e ação. São os meios de comunicação que municiam a realidade.

Como afirma Luhmann,

Os meios de comunicação aumentam a irritabilidade da sociedade e, com isso, a capacidade de elaborar as informações. Dito de forma mais precisa: eles elevam a complexidade dos contextos de sentido nos quais a sociedade expõe-se à irritação por meio das diferenças autoproduzidas. (LUHMANN, 2005, p. 139)

Assim, pensar em esfera pública é pensar no ambiente de atuação dos meios de comunicação. Em especial o campo do jornalismo, pautado pela preocupação com os direitos coletivos e observação dos fenômenos sociais como fonte de informações a todos.

Como os meios alimentam a sociedade de *inputs* para que o sistema se posicione, também fornecem bases culturais. Dessa forma, Luhmann (2005, p.142) insere os meios como instituição cultural ao dizer que “a cultura nesse exato sentido, cultura como reformulação completa de todos e de cada um como sendo um signo para cultura, é um produto e ao mesmo tempo o alibi dos meios de comunicação”.

Se os meios fornecem informações capazes de repetir o signo cultural e abastece as ações do indivíduo, porque não há uma educação voltada para as mídias? O vácuo se estabelece justamente nesse paradoxo. Os indivíduos recebem vários tipos de informação³, mas nenhuma orientação sobre a classificação delas ou uma possibilidade de se orientarem.

Para a construção de um conceito libertário de educomunicação, é interessante inserir a perspectiva pedagógica. O campo da educação fornece subsídios para uma das bases estruturais do indivíduo. Dentro da sociedade capitalista, pautada por emprego e relações comerciais, as habilidades de leitura e escrita são fundamentais.

Contudo, após um primeiro trabalho voltado para a alfabetização dos indivíduos, verificou-se que algo se perdia entre essa ferramenta e seu uso. Visto como parte do processo das estruturas culturais, a alfabetização é, segundo Soares (2010a), o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Mas faltava a contextualização dessas habilidades.

Como aponta Soares (2010b, p.20), “só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso

³ Luhmann (2005) vai diferenciar as informações, como construções da realidade, em notícias e reportagens, entretenimento e publicidade.



do ler e do escrever”. Esse uso, foi tomado, num primeiro momento, como uma alfabetização funcional. Contudo, o fato de apontar para um melhor funcionamento do indivíduo dentro do sistema social denunciou o lado utilitarista da educação.

Contrapondo essa visão, Paulo Freire defende uma postura libertária da educação, inserindo o indivíduo no contexto democrático. Ele diz que

a nossa educação tem de representar uma duplicidade de planos instrumentais: o do preparo técnico com que situará o homem nacional aptamente no processo de desenvolvimento. O da formação de disposições mentais com que adira ao desenvolvimento, aceitando, inclusive conscientemente, os traumas e as restrições decorrentes da industrialização, às vezes necessariamente apressada. Formação de disposições mentais democráticas com as quais se identifique com o clima cultural novo. (PAULO FREIRE, 2003, p.20)

Dessa forma, o processo educacional tem que possibilitar ações livres, mais desvinculadas do utilitarismo social e mais ligadas ao desenvolvimento do indivíduo.

Nesse sentido, Soares vai conceituar letramento dizendo que

letramento é o resultado da ação de ‘letrar-se’, se dermos ao verbo ‘letrar-se’ o sentido de ‘tornar-se letrado’. [...] Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita ‘própria’, ou seja, é assumi-la como sua ‘propriedade’. (SOARES, 2010b, p. 38-39)

Mas não basta pensar em transmitir educação, tem que se pensar em quem educar. Freire já aponta isso quando diz que

todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem que responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que se pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. (FREIRE, 2003, p.10)

Tendo esse pressuposto como norte, uma educação das mídias deve explorar o letramento midiático. Não basta ensinar o indivíduo a “ler” as mídias, tem que haver a contextualização, não só das informações como da formatação e intenção de veicular essas informações.

Dentro da perspectiva educacional, não basta levar processos de codificação em jornalismo para dentro das escolas, pois o que Paulo Freire (1985) fala sobre aprender fazendo, liga-se ao saber democrático. Há que se pensar num objetivo educacional, em explorar os domínios, dentro da classificação de Bloom (1976), e definir como melhor distribuir esse processo de alfabetização midiática dentro do processo escolar.



Segundo Bloom (1976), a classificação dos objetivos facilita a comunicação entre profissionais da educação, planejamento escolar e a comparação de seus resultados. Dentro dessa classificação, ele afirma que o domínio cognitivo é o mais trabalhado dentro da realidade escolar que faz o indivíduo chegar do simples conhecimento, passando pela compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação.

Seria, assim, o simples perceber algo o lado mais efêmero do conhecimento, ligando uma informação com a capacidade de lembrá-la. Enquanto a avaliação utiliza bases estruturais mais complexas levando o indivíduo a perceber uma informação, lembrar, compreender, aplicar sobre um fato, separar esse fato em menores partes compreensíveis a ele, sintetizar de volta à realidade e avaliar essa informação conforme suas bases cognitivas.

Nesse contexto, o processo de ensino sobre as mídias passa à margem dos bancos escolares e, por isso, encontra um indivíduo dentro da sociedade e pronto para consumir informações. E se, na grande maioria das vezes, esse indivíduo não sabe identificar sequer a diferença entre informação e entretenimento, como ele poderá questionar a veracidade daquela informação?

Segundo Meyrowitz (2001) ele não poderá. Falta ao indivíduo subsídios midiáticos para a compreensão do que os meios estão transmitindo. O que o autor chamou de Alfabetização midiática e dividiu em três possibilidades: alfabetização de conteúdo, de gramática das mídias, e de ambientes comunicacionais dos meios.

A primeira, está relacionada com análise de conteúdo. É o ponto de vista mais manifesta das comunicações mediadas. A alfabetização da gramática dos mídias, refere-se à concepção dos meios como linguagem e toda a pluralidade de arquitetura linguística. A última das alfabetizações indica que cada mídia desenvolve um ambiente de flutuação, corrente esta que soma-se a voz de McLuhan (2005) quando fala que o meio é a mensagem.

Com esta visão educacional, Meyrowitz abre o diálogo com o campo da educação para a compreensão das mídias. Não se fala em ensinar a produzir informações mediadas, mas, como afirma Meyrowitz (2001, p.88), “diferentes formas de pensar sobre os media nos levam a diferentes concepções de competências, ou alfabetizações, do que pode ser desejável para o educado e consciente cidadão”.

Assim a idéia de cidadania e espaço público estão associadas através das informações disponíveis pelos meios de comunicação. A leitura desses meios, num sentido crítico, traz à tona as palavras de Paulo Freire (1985, p.95) em que “quanto mais crítico um



grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. Tanto mais democrático, quanto mais ligado às condições de sua circunstância”.

Dessa forma, não há como exigir de um indivíduo a avaliação de um meio de comunicação se ele nem sequer compreende o meio. Um dos efeitos dessa exigência, dentro dos aspectos psicológicos, pode ser conhecido pelo que Jung chamou de regressão, assim

Cada vez que o homem se encontra diante de um obstáculo aparentemente intransponível ele recua; faz uma regressão, para usar a expressão técnica. Recua ao tempo em que se encontrava numa situação parecida e tentará empregar novamente os meios que outrora lhe haviam servido. (JUNG, 1993, p.68-69)

Isso acontece de forma tão sutil no dia a dia que Jung (1993) chamou de inconsciente coletivo.

Dentro dos meios de comunicação, e de uma abordagem sócio linguística, McLuhan apontou esse efeito, dizendo que

É típico de nossa orientação retrovisora que olhemos para todas essas novas tecnologias como se fossem reflexos da velha tecnologia. [...] os primeiros automóveis foram feitos com porta-chicotes. E os novos instrumentos computadorizados de automação estão sendo feitos como se fossem fichários de catálogo. Pode ser que sejamos a primeira geração humana a sentir a necessidade de examinar detidamente o que ocorre debaixo do nosso nariz em vez de ficar olhando para o espelho retrovisor. (MCLUHAN, 2005, p.124)

Assim, percebemos muitas vezes as pessoas utilizando a televisão como rádio, deixando-a ligada e realizando outras tantas coisas. O próprio computador é utilizado ainda como televisão, um pouco de entretenimento com um pouco de informação.

Nessa postura, os indivíduos acabam assumindo uma posição passiva, de não estarem sabendo classificar qualitativamente as informações que recebem, muito menos separá-las para consumi-las. Afirmar, como Gitlin (2003), que o excesso de informações é que torna o indivíduo alienado é o mesmo que dizer que uma pessoa não pode entrar em um novo hipermercado para comprar, pois ela sairá desse espaço totalmente desorientada e sem o produto.

Com efeito, até mesmo pelos aspectos psicológicos e sócio linguísticos apontados acima, em um ambiente com muita informação, os indivíduos tendem a se fecharem em estruturas cognitivas até que se consiga estabelecer uma base de correlação e entendimento dessa diversidade informacional. No exemplo do hipermercado, as bases



de classificação nos foram dadas ao longo do processo escolar. Assim, sabe-se que há alimentos, bebidas, produtos de higiene, produtos de limpeza, etc.

Com as mídias isso não ocorre. Não há nenhum sistema de classificação no campo cognitivo. Assim, o fechamento estrutural em busca de uma resposta interna vai encontrar uma forma de escolha baseada na satisfação pessoal, dentro do domínio afetivo. Nas palavras de Estrázulas

Ao utilizar o filtro “entretenimento”, o hedonismo contribui para a escolha da superficialidade, pois pensar é penoso. Assim como é penoso estabelecer conexões entre notícias cotidianas e a perenidade da vida; como também o é, estabelecer uma relação pessoal. (ESTRÁZULAS, 2010, p.97)

Dessa forma, entende-se Educomunicação como as bases educacionais para que o indivíduo use uma leitura crítica dos meios de comunicação como uma das bases da ação social. Visa à modificação de comportamento, de forma permanente, da passividade diante das informações à escolha consciente do consumo de mídias, num processo pedagógico contínuo e planejado conforme as especificidades de cada informação e de cada meio.

Importante refletir que nesse processo de letramento midiático, o indivíduo não vai alcançar sozinho. Paulo Freire ainda fornece a chave para se conseguir essa consciência democrática e diz que

O outro passo, o decisivo, da consciência predominantemente transitivo-ingênua para a predominantemente transitivo-crítica, ele não dará automaticamente, mas se inserindo num trabalho educativo com essa destinação. Trabalho educativo que não se ponha despercebida e despercebidamente diante do perigo da massificação, em íntima relação com a industrialização, que nos é um imperativo existencial. (FREIRE, 2003, p. 37)

Assim, falar em cidadania compulsoriamente é discutir bases educacionais para tal.

Letramento, no sentido que Soares (2010b, p.44) fala

é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar *ou* questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais. (SOARES, 2010b, p. 75)

No caso de um processo midiático, envolveria uma alfabetização, nos moldes propostos por Meyrowitz (2001), e uma contextualização de seus usos. Essa contextualização seria o objetivo geral da disciplina de educomunicação. E enquanto disciplina, pensada em processo longo, no sentido dado por Soares (2010a) em “alfabetizar letrando”, operando



nas necessidades e de acordo com as variações tecnológicas da sociedade em objetivos específicos e operacionalizados.

Uma alfabetização escalonada, ultrapassaria as três esferas propostas por Meyrowitz (2001) no momento em que contextualizasse a leitura da mídia na realidade das adjacências do indivíduo. Pensando a mídia como produtora de realidade e percebendo-a além da formatação. Como fala Paulo Freire

O homem, contudo, não capta o dado da realidade, o fenômeno, a situação problemática pura. Na captação, juntamente com o problema, com o fenômeno, capta também seus nexos causais. Apreende a causalidade. A compreensão resultante da captação será tão mais crítica quanto seja feita a apreensão da causalidade autêntica. E será tão mais mágica, na medida em que se faça com um mínimo de apreensão dessa causalidade. (PAULO FREIRE, 1985, p. 105)

Essa causalidade autêntica pode ser fornecida pela educomunicação, através de um processo estruturado e contínuo.

Assim, o processo de letramento midiático se encerra com a escola, mas permanece aberto por toda a vida adulta. Enquanto prática, capaz de ser tomada para si, as múltiplas alfabetizações midiáticas fazem parte do processo de libertação do indivíduo. Um processo que visa à ação livre de acessar, interpretar, rearranjar, usar as mídias, pois no novo panorama de convergência digital, as facilidades levam ao uso. Os homens permanecem em busca de formas para organizarem o mundo mosaico das mídias. A educação possui os métodos e os processos, a comunicação compreende o objeto, falta apenas que as políticas públicas percebam essa necessidade.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Walmir Albuquerque et al. (Org.). Políticas Públicas e Educação. Manaus: Valer, 2008.

BLOOM, Benjamin S. et al. *Taxionomia de objetivos educacionais: Vol.1 Domínio Cognitivo*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

BLOOM, Benjamin S.; KRATHWOHL, David R.; MASIA, Bertram B.. *Taxionomia de objetivos educacionais: Vol.2 Domínio Afetivo*. Porto Alegre: Globo, 1974.

ESTRÁZULAS, Jimi Aislan. *Meio digital e o Mundo Mosaico: a lógica não-linear da informação*. Manaus: Valer, 2010.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.



GARANDERIE, A. De La. *Pedagogia dos Processos de Aprendizagem*. 2. ed. Tradução de Paulo Francisco Teixeira Melo. Portugal: ASA, [1991?]

GITLIN, Todd. *Mídias sem Limite. Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. 2. ed. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

_____. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984.

JACQUINOT, Geneviève. *O que é um educador? O papel da comunicação na formação dos professores*. I Congresso Internacional de Comunicação e educação. Disponível em: <www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2010.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. 8 ed. Vozes: Petrópolis. 1993.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva et al. (Org.). *Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas*. 4. ed. Campinas: Komedi, 2008.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. *Introdução à Teoria dos Sistemas*. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2009.

MCLUHAN, Marshall. Org. Stephanie McLuhan e David Staines. *McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro. 2005.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 14 ed. São Paulo: Cultrix. 2005.

MEYROWITZ, Joshua. *As múltiplas alfabetizações midiáticas*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.º. 15. 2001. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/15/a09v1n-15.pdf>> Acessado em: 27 abr. 2007.

PARSONS, T. *O sistema das sociedades modernas*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

SCHAUN, Angela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Alfabetização e Educomunicação*. Disponível em: <www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2011.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010b.